

HISTÓRIA DA CULTURA E DAS ARTES - Música

ANEXO - 11.º ANO

A CULTURA DO PALCO

Síntese 1:

- A mística e os cerimoniais.
- Santos e pregadores.
- Religião e cerimonial religioso.
- Rituais e práticas sociais.

Síntese 2:

- A Revolução científica.
- A razão e a ciência.
- O método.
- A experimentação.

Tempo: 1618-1715 (do início da Guerra dos Trinta Anos ao final do reinado de Luís XIV).

Espaço: A Europa da Corte. A Corte nos palácios das cidades. A Corte junto às cidades. O modelo Versalhes.

Biografia: O Rei Sol Luís XIV (1638/1643-1714). O Rei da afirmação do poder autocrático. Luís XIV e o investimento na Corte de Versalhes. Um Rei, um cerimonial, uma França hegemónica na Europa.

Local: O palco. Os palcos: a Corte, a Igreja, a Academia. O palco do teatro e da ópera. O palco enquanto local de espetáculos efémeros.

Acontecimento: O Tratado de Utrecht (1713). O fim das guerras. Um congresso de embaixadores e um tratado de paz. A nova geografia da Europa.

Casos Práticos:

1.º Caso prático: *Le Bourgeois Gentilhomme* (1670), de Molière (1622-1673) e a marcha que Lully (1632-1687) compôs para a peça: *La cérémonie Turque*.

A fusão das artes: teatro, música e dança. O teatro com Molière. O espetáculo do teatro, no teatro.

2.º Caso prático: Palácio-convento de Mafra (1717-1730/1737). Um palácio e um convento. A arquitetura do Real Edifício. Uma obra de arte total pela mão do Rei.

3.º Caso prático: *Trono de S. Pedro* (1647-1653), Gianlorenzo Bernini (1598-1680), Basílica de S. Pedro (1657-1666), Roma. O trono como alegoria da Monarquia Pontifícia e corolário das intervenções de Bernini na Basílica de S. Pedro. O Barroco romano: emoção e piedade. O conceito de "obra de arte total".

4.º Caso prático: Igreja de São Francisco, Porto (Séc. XIV-XVIII). Arquiteto: Diogo de Castilho (Séc. XVI). Desenhador: Francisco do Couto e Azevedo (1740). Entalhadores: António Gomes (1718-1721); Filipe da Silva (1718-1721); Francisco Pereira (1764-1765); José Manuel Ferreira; Luís Pereira da Costa (1724); Manuel da Costa Andrade (1740); Manuel Pereira da Costa e Noronha. Escultor: Manuel Carneiro Adão (1719). Imaginária: Francisco Moreira (1612). Organeiros: António José dos Santos; Padre Manuel Lourenço da Conceição (1731). Ourives: Domingos de Sousa Coelho (1749). Pintores: António Florentim (atr.); Manuel da Ponte (1595). Pintores-douradores: Inácio Ferraz de Figueiroa (1615); Manuel Ferreira (1680).

A CULTURA DO SALÃO

Síntese 1:

- As Luzes.
- As ruturas culturais e científicas: “ousar saber” e “ousar servir-se do seu intelecto”.

Síntese 2:

- Da festa galante à festa cívica.
- A revolução da sensibilidade.
- O conforto e o prazer.
- A participação popular.

Tempo: 1715-1815 (da morte de Luís XIV à batalha de Waterloo).

Espaço: Da Europa das monarquias à Europa da Revolução.

Biografia: O filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). O filósofo enquanto pensador e influenciador. Repercussões políticas e educativas da sua obra.

Local: O salão. Novo espaço de conforto e intimidade. O seu contributo para a divulgação das “línguas vivas”, do pensamento e da ação.
O papel dinamizador da mulher culta.

Acontecimento: A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789). O tempo novo e a proclamação dos novos valores: “liberdade”, “igualdade”, “fraternidade”.

Casos Práticos:

1.º Caso prático: *Le nozze di Figaro* (1786) – “finale” (c. 15m) (versão audiovisual), de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791). Materialização da ideia de igualdade social, posteriormente aclamada pela Revolução Francesa.

2.º Caso prático: O urbanismo da Baixa Pombalina (1758 -). Planta de Eugénio dos Santos (1711-1760) para a reconstrução de Lisboa. Expoente do racionalismo iluminista, também na organização do espaço urbano.

3.º Caso prático: *La Mort de Marat* (1793), de David (1748-1825). Monumentalidade e ordem na criação de um ícone da Revolução.

4.º Caso prático: Uma cómoda estilo Luís XV.